

# O quarto eixo: uma expansão necessária?<sup>1</sup>

Ane Marlise Port Rodrigues<sup>2</sup>

**Resumo:** Durante o 4º encontro ABCSul da Associação Brasileira de Candidatos, em junho de 2015, com o tema *A formação em expansão*, foi colocada para uma mesa de convidados a pergunta quanto ao quarto eixo ser uma expansão necessária dentro da formação analítica. A autora respondeu afirmativamente, considerando que o candidato está implicado com sua instituição de formação desde que nela ingressa e estará imerso na cultura que a caracteriza. Em sua trajetória, poderá chegar a membro associado da IPA e a membro titular de sua sociedade. No entanto, comentase que cerca de 50% dos candidatos permanecem no assim chamado *limbo*. A autora relaciona o quarto eixo com uma expansão necessária do pensar dentro das instituições psicanalíticas e da IPA que poderá melhorar o entendimento do fenômeno do *limbo* e, talvez, alcançar alguma mudança nessa realidade tão preocupante e desafiadora.

**Palavras-chave:** Candidato. Formação analítica. Instituição psicanalítica. Limbo. Quarto eixo.

Agradeço à comissão organizadora do Encontro ABCSul pelo convite para participar dessa mesa com o tema do quarto eixo, levantando a questão se é uma expansão necessária dentro da formação analítica.

Esse convite me estimulou a seguir pensando na importância das vivências do candidato dentro de sua instituição de formação, assunto que já me interessava enquanto candidata e que me levou, em 2006, juntamente com outras

---

1 Participação na mesa redonda *O quarto eixo: uma expansão necessária?* durante o Encontro ABCSul – Associação Brasileira de Candidatos. Sede da SBPdePA, Porto Alegre, 27 de junho de 2015.

2 Membro Titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Psicanalista de crianças e adolescentes pela IPA.

colegas, à pergunta: *O candidato e a instituição psicanalítica: um quarto eixo na formação analítica?* (Klochner, Puiatti, Rodrigues & Skowronsky, 2007). Queríamos entender melhor por que tão poucos colegas participavam das atividades da Associação de Candidatos e da vida institucional. Sentiam-se pertencendo a ela ou não? Como se construía a identidade do analista? Como transitavam pelos processos de idealização inicial e desidealização necessária e inevitável?

A pequena amostra que respondeu à nossa pesquisa considerava importante pertencer à IPA por suas características universais de formação e porque havia claramente uma transferência com Freud, enquanto fundador da psicanálise. Os elementos subjetivos e informais que circulam entre os candidatos e nas instituições (Petrucci, 2004) foram considerados de fundamental importância e, “ao não serem reconhecidos ou não encontrarem um lugar apropriado para sua elaboração, podem tornarse fonte de desentendimentos e de desinvestimento libidinal na formação, colocando em risco a construção dessa identidade tão delicada e que necessita de tanto cuidado” (Klochner, Puiatti, Rodrigues & Skowronsky, 2007, p. 69). Também sugeríamos que o quarto eixo fosse incluído como tema de seminários teóricos durante o primeiro ano de formação.

Voltando à pergunta se o quarto eixo é uma expansão necessária dentro da formação analítica, respondo que sim, no sentido de uma evolução: pode levar a uma expansão na esfera do pensar a formação analítica no âmbito institucional – o que a favorece e o que cria obstáculos na evolução da trajetória analítica de um candidato. Naturalmente, a expansão do pensar em torno do quarto eixo também contempla as relações entre os analistas enquanto grupo institucional e científico.

O quarto eixo é acrescentado ao clássico tripé da formação analítica: análise pessoal, seminários teóricos e supervisões clínicas. Representa as vivências dentro e a partir da instituição com todos os intercâmbios científicos, associativos e subjetivos que ela proporciona. Inclui os fenômenos que dizem respeito aos agrupamentos analíticos, a relação do eu com o outro ou outros.

Sem dúvida, há consenso de que a análise pessoal é a experiência fundamental da formação analítica por trazer a vivência da relação analítica, da transferência e da existência do inconsciente, seguida das supervisões e do estudo das teorias. No entanto, com a ideia de quarto eixo amplia-se o olhar (e a escuta) para os fenômenos que transcendem a esfera do individual e que são engendrados ou potencializados pelo grupo – pelo estar em grupo.

Baranger e Garbarino (1961) afirmavam que nenhuma análise dá conta de processos patológicos de grupo (o problema como grupal e não somente indivi-

dual). Consideravam que os grupos analíticos sofriam de processos dissociativos com predomínio de mecanismos esquizoparanoides. Também descreviam a tendência a criar ideologias e sua idealização com a consequente luta pelo poder. Isso difere de usar as teorias como modelos de pensar os fenômenos clínicos e teóricos, para as quais ninguém é dono da verdade ou da *verdadeira psicanálise*.

Estudos psicanalíticos sobre o funcionamento dos grupos humanos já começaram com o próprio Freud, principalmente em seus textos de 1913 (*Totem e tabu*), 1921 (*A psicologia das massas e a análise do ego*), 1927 (*O futuro de uma ilusão*) e 1930 (*O malestar da civilização*).

Jacques (1955) contribuiu escrevendo o clássico *Os sistemas sociais como defesa contra as ansiedades persecutórias e depressivas*.

Bion (1961) trouxe os pressupostos básicos (luta e fuga, acasalamento e dependência) que impedem o estado mental do grupo de trabalho. Entende o narcisismo e o socialismo como sendo dois polos de todos os instintos e estando em permanente conflito. Kaës (1997) apontou que a instituição precede o sujeito e afeta seu narcisismo, mas também ajuda a sustentar algo de sua identidade.

Também outros autores estudaram os fenômenos grupais. No entanto, o *status* de um quarto eixo na formação analítica, ligado à instituição, é bem mais recente, aparecendo em trabalhos depois dos anos 2000. Com Stefano Bolognini como presidente da IPA, esse tema recebeu ênfase ao ser colocado como interesse e preocupação da IPA a partir de 2014/2015. Já em 2004, o autor escreveu sobre a importância da fantasmática do analista e a família analítica que formaria e viveria em sua instituição de formação (publicado em português em 2008). Em maio de 2014, sua carta aos psicanalistas pontuava que a capacidade de trabalhar conjuntamente com colegas, participando das atividades científicas e da vida institucional, tem uma função constitutiva permanente da identidade psicanalítica. Foi aprovado, em sua gestão, o Grupo de Trabalho sobre Assuntos Institucionais, dedicado ao estudo científico de problemas institucionais e à prestação de apoio às Sociedades que o solicitem. Seria essa uma expansão necessária?

Acredito que sim, pois cada vez mais se impõe o reconhecimento de que as teorias e valores que animam o grupo institucional agem como uma referência interna para o analista, tendo um papel estruturante de sua identidade (Ambrosiano, 2005). O que anima (ou desanima) a vida institucional pode facilitar ou prejudicar o caminho do candidato na construção de sua nova identidade e no seu sentimento de pertencer à sua sociedade e à IPA.

Nesse sentido, fazer a formação ligada à IPA traz vantagens para o analista. São 12 mil membros em trinta e cinco países e em expansão (China, África e ou-

tros). É uma das últimas instituições internacionais que segue se desenvolvendo depois de mais de cem anos por manter uma postura universalista que acolhe as várias escolas que surgiram com a evolução da psicanálise (Amendoeira, 2009). Também contempla a possibilidade de que um conhecimento banido possa ser reintegrado, como é o caso do estudo de Lacan na IPA. Temos acesso a imenso patrimônio que abrange o passado, o presente e possibilidades de desenvolvimentos futuros (um conhecimento não saturado que escapa a toda apreensão, como o próprio inconsciente).

Instituições que são escolas de um só autor tendem a um pensamento mais circular e deixam de agregar outras formas de escuta. A IPA abriga múltiplas teorias consequentemente, as práticas clínicas são ricamente diferentes, por vezes antagônicas, gerando um belo caldo de cultura, efervescente, até com riscos explosivos. Mesmo que algumas reações dessa química possam gerar rupturas, estamos nutrindo-nos ao mergulhar ou beber dele. Green (2001) coloca que uma pessoa poderia ter uma sensação confusional com tantas divergências. Também diz que não partilhamos mais os princípios de um entendimento comum e é melhor não ter ilusões quanto à busca de um consenso (em contrapartida há autores que buscam o consenso).

A psicanálise poderia ser pensada como um significante que desliza na cultura e que não é propriedade da IPA e nem de ninguém. Mas a IPA tem tido um papel, apesar de seus problemas reguladores e políticos, de abrigar grande parte do desenvolvimento da psicanálise. A continuidade no tempo e a criação de fóruns para debates e estudo em suas associadas, em congressos e eventos, torna possível que a criatividade emergja desses espaços potenciais no sentido winnicottiano. Muitos membros da IPA tornamse pensadores da psicanálise com valiosas contribuições. Conforme Bolognini (2009), o perigo no interior da IPA reside no refluxo tradicionalista normativo, um efeito reativo às mudanças e às aberturas dos últimos anos, sabotando o reconhecimento da pluralidade, das diferenças e das transformações na psicanálise.

Certa vez, ouvi um analista comentar que a instituição sempre é intoxicante e que teríamos de nos afastar dela para a desintoxicação (periodicamente, uns dois anos) para depois voltarmos. Perguntome se o colega não estaria referindo-se ao malestar e desprazer gerados por disputas políticas por cargos e por poder no território das teorias ou das interpretações de material clínico (tornandose território de ideologias ou do pensamento hegemônico). Quando é possível transitar pelas teorias como modelos para pensar e há respeito pelo outro em sua *outridade*, creio que o espaço institucional traz vida, prazer e desenvolvimento pessoal e grupal.

Possivelmente, a ideia de quarto eixo conclama a olharmos mais de perto para o malestar frequentemente sentido na convivência no interior dos grupos psicanalíticos.

O narcisismo dos analistas, que permanece mesmo depois de suas análises, sabidamente é um dos fatores que afeta a boa convivência em grupo. Freud (1930) chamava de narcisismo das pequenas diferenças as rixas constantes e a hostilidade entre comunidades próximas.

A teoria vincular de Berenstein (2001, 2008) e de Puget (2011) contribui com novos aportes que podem auxiliar-nos a evoluir nas relações dentro das instituições. Ambos falam do efeito da presença do outro (não se trata de efeito da ausência ou de projeções no outro), quando esse outro impõe pela sua presença algo com o qual não me reconheço, pois me é estranho e alheio. Aquilo que não consigo assimilar e representar dentro de mim: o irreduzível do outro e que assim permanecerá. Existe, em todos nós, uma resistência inicial ao trabalho do vínculo, considerado como a assimilação do alheio, do outro, com novas produções simbólicas e ampliações dos sujeitos envolvidos e da relação. Não se trata de anular-se ou de anular o outro.

O mundo social organiza-se em torno da interdição de matar o seu semelhante (de fazer deste um ausente). No trabalho do vínculo, a presença do outro é requerida, em particular sua estranheza. Essa garantia contra a supressão do outro constitui a base da vida social (Berenstein, 2001, 2008). Parece-me que, nesse sentido, Berenstein diferencia o laço vincular do laço por identificação (caracterizada por Freud [1921] como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa). A capacidade de vincular-se lidaria com aquilo do outro com que não me identifico e, mesmo assim, podemos trabalhar juntos ou crescer em várias possibilidades da vida (casal, paisfilhos, etc.). Diz respeito ao que é gerado a partir da presença e do que se cria *entre dois*.

Se um encontro é fundante, o sujeito muda algo em si. Ocorrem novas inscrições que dão lugar a mudanças subjetivas (Berenstein, 2001, 2008). Estamos no território do *entredois* e precisamos entender melhor o que se passa nesse espaço.

*A imagem 'entredois' me levou, por associação, à ideia de margem e ao conto de Guimarães Rosa, 'A terceira margem do rio' (1962).* Nesse conto, um pai de família que morava à beira de um grande rio resolveu, lá pelas tantas, fazer um barco e ir para dentro do rio. Ficava dentro do barco, não para atravessá-lo ou para ir rio abaixo até algum lugar e refazer sua vida. Nada disso. Permanecia ano após ano no rio, sem que se soubesse a razão para tal conduta, sendo visto à distância pelos

familiares. A inquietação da presença do pai ausente ditava a rotina da família, que sempre pensava nele. Essa situação incômoda e indefnida nunca se resolvia. Como falar da saída de alguém que não foi a lugar algum? No conto não há resposta definida para o que é a terceira margem do rio. Depois que todos da família se vão daquela localidade, resta um filho que se propõe a trocar de lugar com o pai. Quando esse parece se aproximar, o filho sai correndo, apavorado.

Num comentário, é dito que não são as margens que limitam o rio. É o rio que determina as margens. Se o rio para, passa a ser lagoa. O rio seria como uma forma de pensamento em constante fluxo. Pensei no inconsciente, sempre em fluxo e inapreensível.

Na revista *Cult* de maio de 2015, é usada a expressão “psicanálise marginal”, em que marginal quer dizer tomar a palavra desde as margens (Leite & Goldenberg, 2015). Falase de transitar desde uma espécie de demanda de filiação para a assunção de certa orfandade que acesse o ingresso a essa posição de margem e a variedade dos efeitos formativos que, a partir das margens, a instituição psicanalítica pode comportar (As margens, 2005).

*Seguindo as associações da palavra margem, veio a palavra limbo*: termo abolido pela religião católica em 2007, pois designava o lugar para onde iam as crianças que morriam sem terem sido batizadas (elas não iriam para o céu).

A palavra vem do latim *limbum*: orla, margem, borda, beira (Houaiss, 2001). Também quer dizer: estado de indecisão, incerteza, indefinição ausência de memória, esquecimento depósito de coisas esquecidas às quais não se dá valor.

*O que quero dizer com isso?* Talvez a introdução do pensar o quarto eixo, entre outros avanços, possa levar as instituições psicanalíticas e a IPA a tirarem da zona de esquecimento o fenômeno do *limbo*.

Todos os Institutos têm uma alta percentagem de candidatos (em alguns, até mais de 50%) que são situados nessa localização chamada *limbo*, termo que evoca malestar, inquietação, incômodo e indefinição.

O que se passa na relação do centro com a margem para que essa percentagem seja tão alta e de tão difícil mobilização? Como no conto, muitos colegas que entraram entusiasmados para formação analítica permanecem sem atravessar o percurso até se tornarem sócios de sua instituição de origem e da IPA. Permanecem como sócios a partir do Instituto. Alguns dizem que suas razões são financeiras: assim pagam menor mensalidade.

Outra possível analogia com o conto quanto à relação do centro com o *limbo-margem* seria a manutenção de um olhar à distância entre as partes, como se uma maior aproximação não fosse possível, e as configurações vão se cristalizando

sem permeabilidade mútua. No final, iria cada um para o seu lado, num distanciamento progressivo. Talvez algo na aproximação assuste por implicar abrigar como seu um problema que é considerado somente do outro. Não se trata de uma troca de lugar, mas de uma maior permeabilidade ao outro em suas particularidades. Por outro lado, temos que considerar o direito do candidato de não sair do lugar onde se encontra estacionado em termos de sua trajetória analítica.

Não me parece justo e produtor de colocar problema de tal monta como responsabilidade única do indivíduo candidato. Algo da relação com a instituição ou com a formação está tendo problemas e temos de avançar no entendimento das causas.

Dados de 2009 (Amendoeira, 2009) informam que, nos Institutos do Brasil, teríamos 900 candidatos em formação. Durante o Encontro ABCSul (27.06.2015), em Porto Alegre, a Diretoria da ABC referiu que temos atualmente 825 candidatos em formação no Brasil. Se por volta de 50% não passar a membro associado, são 400 sócios a menos para a IPA só no Brasil. Porém, a mensalidade das sociedades onde fazem a formação é paga (como membros do Instituto), o que é fundamental para a sobrevivência financeira das instituições. A inadimplência, em geral, é bastante baixa. (Falo a partir da experiência como tesoureira na gestão 2014/2015 da SBPdePA).

Podemos inferir que o candidato, mesmo que não conclua todos os pré-requisitos exigidos em sua formação analítica, quer manter-se vinculado a sua sociedade de origem. O quarto eixo aqui se revela como constitutivo de sua identidade profissional, pois tanto a instituição como o próprio candidato o nomeiam como parte dela. Em geral, a maioria não se desliga de sua sociedade ao longo da vida, configurando a importância e significação subjetiva dessa inclusão como parte fundamental de sua identidade como psicanalista.

Calil (2009) (na época, Secretário Municipal de Cultura de São Paulo), em entrevista para a Revista Brasileira de Psicanálise, diz que é fundamental examinar como os elementos do DNA institucional evoluem no tempo, como reagem às interações com o meio e observar a realidade.

Muszkat (2009), ao mencionar a diminuição de pacientes de alta frequência e de candidatos para formação analítica, pondera sobre a necessidade de arrumação da casa, com revisão dos hábitos e códigos familiares.

Montagna (2009), apoiando a ideia do quadripé, coloca que não se pode jamais subestimar a importância do ambiente institucional na formação analítica e que a pertinência à IPA passa hoje também pela discussão das subjetividades.

## Para concluir

Além do quarto eixo no sentido de todos os aportes científicos e vivenciais que a instituição traz para a formação da identidade analítica (em contínua construção e desconstrução), seria desejável que essa nova frente movimentasse cada vez mais a relação centro/margem, criando uma maior permeabilidade na escuta do que se passa nas margens.

A Diretoria da ABC – gestão 2014/2015 (Miriam Altman, Janice Bicudo de Faria, Evelyn Pryzant e Mônica Povedano, da SBPSP) informou nesse evento que está conseguindo um espaço físico no interior da sede da Febrapsi, no Rio de Janeiro. Assim, a ABC, fundada em 1970 em São Paulo, deixa de ser itinerante e passa a ter sede fixa onde possa guardar suas caixas contendo documentos e sua história. Parece-me um movimento de valor simbólico essa aproximação centro/margem, bastante bem-vinda e legitimando um lugar dentro de casa para a apresentação dos candidatos.

Que o futuro traga crescentes avanços em nossas instituições na capacidade de habitar o território do *entredois*, da pluralidade e das diferenças, com aumento da permeabilidade centro/margem! Quem sabe, assim, também possamos entender melhor o fenômeno do *limbo*.

Lembrando Kaës (2004), esses avanços nunca são isentos de sofrimento na medida em que a instituição que se torna uma realidade psíquica para o sujeito sempre será fonte de prazer e desprazer.

## The fourth axis: a necessary expansion?

**Abstract:** During the meeting ABCSouth of the Brazilian Candidates Association Board, with the topic *The formation in expansion*, it was put forward to a table of guests the question regarding the fourth axis as a necessary expansion inside the psychoanalytical formation. The author answered affirmatively, considering that the candidate is involved with his institution of psychoanalytical formation from the moment he enters it and that he will be immersed in the culture that characterizes it. In his trajectory, he will be able to become an associate member of IPA as well as a full member of its society. Nevertheless, about 50% of the candidates stay in what is called the *limbo*. The author relates the fourth axis to the necessary expansion of the thinking inside the psychoanalytic societies and inside IPA so as to better understand the phenomenon of *limbo* and, perhaps, to achieve some change in such a worrying and challenging reality.

**Keywords:** Analytic training. Candidate. Fourth axis. Limbo. Psychoanalytical formation. Psychoanalytic institution.

## Referências

- Ambrosiano, L. (2005). The analyst: his professional novel. *International Journal of Psychoanal*, 86: 1611-1626
- Amendoeira, W. (2009). Algumas questões sobre a instituição e a psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43 (4): 69-78.
- As margens da formação. (2005). *Cult*, 1: 35-36.
- Baranger, W., & Garbarino, H. (1961). La enfermedad infantil del psicoanálisis. In: Baranger, W., Goldstein, R. Z., & Goldstein, N. (org.). *Artesanias psicoanalíticas*. Buenos Aires: Kargieman, 1994.
- Berenstein, I. (2001). Reflexões sobre uma psicanálise do vínculo. In: Green, A. (org.). *Psicanálise contemporânea*. São Paulo: Imago, 2001.
- Berenstein, I. (2008). *Del ser al hacer*. Buenos Aires: Paidós.
- Bion, W. (1961). *Experiencias en grupos*. Buenos Aires: Paidós, 1963.
- Bolognini, S. (2008). A família institucional e a fantasmática do analista. *Jornal de Psicanálise*, 41 (74): 197-216.
- Bolognini, S. (2009). Algumas ideias a respeito da IPA 100 anos após a sua fundação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43 (4): 147-150.
- Calil, C. A. (2009). Entrevista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43 (4): 15-27.
- Freud, S. (1913). Totem e tabu. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 13). Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- \_\_\_\_\_. (1921). A psicologia das massas e a análise do ego. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- \_\_\_\_\_. (1927). O futuro de uma ilusão.
- \_\_\_\_\_. (1930). O malestar da civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Green, A. (2001). A crise do entendimento psicanalítico. In: \_\_\_\_\_. *Psicanálise contemporânea*. São Paulo: Imago..
- Guimarães Rosa, J. (1962). A terceira margem do rio. In: \_\_\_\_\_. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Jacques, E. (1955). Los sistemas sociales como defensa contra las ansiedades persecutoria y depresiva. In: Klein, M., Heimann, R., & MoneyKyrle, R. (ed.). *Nuevas direcciones en psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, 1972.

Kaës, R. (1997). O interesse da psicanálise para considerar a realidade psíquica da instituição. In: Corrêa, O. (org.). *Vínculos e instituições*. São Paulo: Escuta, 2002.

\_\_\_\_\_. (2004). Complejidad de los espacios institucionales y trayectos de los objetos psíquicos. *Psicoanálisis*, 26 (3): 655-670.

Leite, N., & Goldenberg, R. (2015). Dossiê. Psicanálise: marginal: *Cult*, 1: 30-31.

Montagna, P. (2009). Sobre instituições, inclusive as nossas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43 (4): 41-50.

Muszkat, S. (2009). Os paradoxos da psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43 (4): 51-58.

Petrucci, J. L. F. (2004). *O tripé: formalidade e informalidade*. Trabalho apresentado em reunião científica na SBPdePA. Porto Alegre.

Puget, J. (2011). Las violencias en diferentes situaciones. *Psicoanálisis*, 33 (1): 117-131.

Rodrigues, A. M. P., Klöchner, L. M. S., Puiatti, R. I., & Skowronsky, S. B. (2007). O candidato e a instituição psicanalítica: um quarto eixo na formação analítica? *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 9 (1): 47-75.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Débora Rodrigues

Recebido em: 23/08/2015

Aceito em: 14/03/2016

ANE MARLISE PORT RODRIGUES  
Rua Carvalho Monteiro, 234 / 606  
90470100 Porto Alegre - RS - Brasil  
e-mail: anemprodriques@gmail.com